

RECONSIDERANDO A CRÍTICA LITERÁRIA

Lourival Holanda
Doutor - Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO: A produção literária específica de nossos dias demanda um modo especial de crítica literária – que, a despeito de sua generalização, mantém o empenho crítico alargando os seus protocolos; aliás, tomando formas diversas de ler e responder à leitura de textos. O esgotamento dos procedimentos anteriores é uma oportunidade para mostrar uma crítica que se renova enfrentando riscos e razões.

PALAVRAS-CHAVE: crítica literária; literatura; teoria contemporânea; novas abordagens.

ABSTRACT: The particular production of literature in our days demands a special project in literary criticism; and in spite of its generality, the critical aim remains, however taking different forms of reading and responding the reading of these texts. The exhaustion of old procedures is an opportunity of showing a critique daring risks and reasons.

KEY WORDS: Literary criticism; Literature; Contemporary theory; New theoretical approaches.

Recentemente se viu uma quantidade considerável, nem sempre significativa, de estudos sobre memória; reação ao esfacelamento provocado pelo ritmo frenético do acontecer atual, a volta à memória pode sinalizar um gesto de querer reatar, recompor a ordem suposta do mundo cultural; sobretudo na memória dos grupos – talvez um aviso, uma advertência, senão um sintoma do que a velocidade das novas tecnologias arrisca sacrificar, levando de roldão. E o universo cibernético foi, de fato, um abalo implodindo valores referendados e criando o imprevisto, a novidade radical. Insistência da memória, síndrome de um pressentimento de perda possível. Uma reação, talvez, para salvaguardar a cultura da apatia que pode resultar do excesso de comunicação.

No campo da crítica literária, acontece algo análogo. Parece haver uma preocupação em redefinir o espaço da crítica literária; síndrome aqui de suposta perda de sua credibilidade. Mas sua pouca presença no mercado seguramente não a invalida. Desde que houve textos, houve uma possibilidade de comentário, de reapresentação, em sua transmissão; a crítica tem sido consubstancial ao processo da memória escrita. Se não é ainda a instituição da crítica, já é uma espécie de protocritica instalada em nossos hábitos culturais desde a tradição heleno-judaica; a que vem se juntar também a narração de matriz afro ou indígena, na recriação de sentidos agregadores. Às narrações, que perfazem uma comunidade, acrescentam-se comentários, interpretações, adequações. Portanto, o exercício crítico acompanha o ato de criação. Parece de política miúda fechar o foco no imediato de sua profissionalização, na querela de seu espaço no jornal ou na universidade, entre a coluna e o corredor, crítica acadêmica *versus* rodapé, quando sua alçada é antropológicamente maior. A crítica é uma forma de resposta à recepção do texto.

Ainda que prática remota, pode-se pontuar, entre nós, uma definição moderna de crítica desde meados do século passado. Em torno dos anos 50 já há, no Brasil, um esforço para instituir a formação de uma crítica mais marcadamente profissional. Sem esquecer o impulso crítico libertário de 1870, em Recife, e já com o cuidado em sair da circunscrição meramente acadêmica; um movimento pioneiro na reivindicação de certa independência de pensamento. (E, no entanto, o pensamento ou é independente ou é repetição, ou seja: não-pensamento). E, ainda que com gesto grandiloquente de um Tobias Barreto publicando uma Folha – em alemão – em Escada, cidadezinha próxima à capital, a visada é mais generosa que efetiva; mas, diz da busca de certa visada social da crítica; que o universo acadêmico iria negligenciar, depois.

No entanto, há sinais de uma virada ética lenta, entre nós, com as comunidades solicitando a presença da literatura como um direito de todos, fazendo eco ao voto antigo de Antonio Candido; e pontuada de modo esparso, como nos projetos de Heloísa Buarque de Hollanda ou Cristiane Costa nas comunidades do entorno do Rio de Janeiro. Alguns críticos mais jovens estão voltados para a

presença mais criativa da crítica literária nos espaços alternativos¹. Deste modo Túlio D’El-Rey vendo a Copa de Literatura, onde posturas profissionais e amadoras convergem para o mesmo objeto. Também este é o empenho de Alexandre Oliveira em mapear a poética das áreas a que a Marginal de São Paulo serve de referência e Victor da Rosa acompanhando o percurso da crítica mais recente nas revistas eletrônicas. Novos objetos pedindo a coragem de novas posturas críticas. Marcada permanência da crítica – ainda, e contra todas as previsões apocalípticas de seu desaparecimento. Um *make-up* fez bem à crítica, na redefinição de seu perfil. Quando entrou em campo o jornalismo cultural, esse profissional se viu ante duas posições: fazer vender uma novidade a todo custo; ou apontar o novo enquanto valor de revelação. Nos blogs, nos sites, o lugar muda a percepção do objeto; e a instância crítica – que aqui pode conjugar firmeza de apreciação e risco subjetivo assumido.

Desde os anos 80, com a marcada força do consumo, o mercado da cultura delimitou seu espaço. A crítica literária foi ficando subsumida, reduzida, enquanto epifenômeno do consumismo geral. Houve mudança no centro de gravitação: da Universidade à mídia. Certamente porque por engeguecimento a Universidade fez uma perversa reserva de mercado trabalhando em cima do consagrado, por uma preguiçosa convenção das ementas. Daí o jargão, o tom – e a má fama: *acadêmico* passa a ser depreciativo, por repetitivo e sem graça; no que difere do criativo, do que satisfaz por surpreender e acrescentar. E, se bem poucos reivindicam com orgulho a tarefa que lhes cabe – de partilha e transmissão de uma memória cultural – como crer que a cultura literária entusiasme os mais novos? E como a criação consistente pode acontecer aqui, se toda invenção pede um inventário? Levados pelo desencanto com a apresentação desse inventário, reduzido a peruca e poeira, acuamos os críticos mais maduros ao desencanto e os novos escritores à presunção de criar o círculo...

E, no entanto, permanece um aparente paradoxo: se a mídia decanta tanto o produto livro, se há presentemente tantas festas e feiras literárias, por que, de modo desproporcional, há menos espaço para a crítica literária? Porque o mercado dirige a crítica – reduzindo-a a resenha; e releases, que se reconfiguram com a internet – a um serviço prestado ao consumo. Há pouco se esperava que o espetáculo do texto fosse a novidade em seu arranjo de linguagem; o texto tratava uma matéria de um ponto de vista no mínimo singular; saía ganhando o leitor; quando a mídia se antepõe o espetáculo é exterior; o ganho, do *promoter*. O livro apenas como produto, equilibra o mercado: demandado, ofertado; o livro como impacto de linguagem, desequilibra, desestabiliza; acrescenta culturalmente. Quando a universidade desertou de sua função, – sem mais fôlego para estender as guerrilhas intestinas – deixou o campo livre; ele teria que ser ocupado. E a indústria cultural veio. A

¹Cf. **Deslocamentos críticos**. São Paulo: Babel, 2011.

crítica literária ia ficando um vago campo cinza. Agora, ainda que em escala menor, há questionamentos sobre crítica literária; no entanto, *hélas*, já nem tanto sobre sua qualidade, mas sobre a legitimidade de sua função.

Parece que o excesso de produção neutralizou a função da crítica; negligenciou, quando não cegou a capacidade de análise. (É curioso como o étimo de *negligenciar* é eloquente: o primeiro sentido de *legere* era escolher; portanto, negligenciar é não mais saber escolher, é aceitar um valeduto indistinto). Ou a crítica cedeu (o cuidado com) a instância estética à presteza da informação. Talvez porque a dispersão do enfoque no interesse literário, pela multiplicação de seus meios – a narração nas outras mídias – escape às normatizações anteriores; e daí se tenha deduzido, cedo demais, que a crítica não tenha mais função alguma. O que há é um desafio maior: surgiram muitas formas de narração híbridas que o conceitual antigo mede mal; é meio desnorteante para o crítico olhar a produção fora de qualquer conformidade com os critérios anteriores. Exemplo disso é a experiência provocada por Claudiney Ferreira, no Itaú Cultural, com 14 novos críticos – que resultou nos *deslocamentos críticos* apontando a plasticidade do discurso crítico mais recente e a mobilidade de seus pontos de vista; uma revitalização da crítica literária; sobretudo porque feita pelos críticos mais recentes. Sinal de um novo norteio na crítica que agora ousa outras interrogações para compreender o panorama literário emergente. Já distanciados daquilo que pautou a crítica durante décadas. (Qual critério de nacionalidade é ainda possível, ou desejável? Qual realismo, quando a astrofísica nos deixa a quilômetros das concepções de realismo anteriores?).

A questão agora é redefinir o que se busca enquanto crítica literária, quando os tentáculos do sistema dissiparam a arrogância, comum ainda há pouco, dos expositores de métodos e modelos de leituras que emulavam o sistema vigente numa competição de *status* e de um lugar (não tanto ao sol mas à sombra da academia). Desgaste operado de dentro da instituição universitária e, especialmente reforçado, em muito, pela mídia, sobre o ofício da crítica literária; provocando turbulências em seu conceituário e flutuações em sua definição mas, por aí mesmo, dando conta de sua nova dinâmica. Aqui e ali começava uma sucessão de mudanças de abordagens críticas, de jargão, como a de camisas – enquanto a sociedade, a de escala maior, passava ao largo. A ambição de uma instância capaz de criar o sentido unificador já não era mais localizável. A veleidade de alargar os níveis de percepção, de aprofundar sentidos? Uma aposta perdida de antemão. Um ar de derrotismo mal disfarçado fez aceitar a trajetória da crítica em termos da termodinâmica: como as mudanças de fases – surgimento, apogeu e decadência da crítica literária. Ora, já não há tanto sentido esse regime entrópico; as coisas se refazem, a crítica absorve as novas técnicas. A crítica literária no ciberespaço apenas continua um movimento: o crítico sempre esteve instalado no espaço de seu instrumento – do papiro ao papel. Hoje ele se vê confrontado às redes de possibilidades. Ao

domínio conceitual pretendido ontem, ao registro do texto dentro de uma ordem, sucederam, e num ritmo vertiginoso e sem volta, as possibilidades de criação. Mesmo que isso inquiete pelo volume de besteiras que permite, ainda assim vale o preço pela surpresa boa de um belo poema de Jussara Salazar ou pelo *Heine, hein?* de André Vallias (2011). Ali a criação se dá na junção de diversos registros, aqui a crítica reintroduz Heine na contemporaneidade.

Assim, o exercício crítico teima em voltar à baila, continua vigente – mesmo como ausência; entre a necessidade e a esperança há ainda uma continuidade de estudos críticos sólidos e constantes; no entanto, isso pede uma temporalidade outra: o tempo de decantação que melhor faz valer um vinho. Nem por isso é incompatível com o espaço do rodapé, o do auditório, ou o do vídeo, como fizeram, entre tantos, José Castello ou Manuel da Costa Pinto. A crítica literária não é nenhuma liturgia que careça de um espaço consagrado para legitimar-se. Há crítica lá onde há uma paixão rigorosa pelo texto e que toma a forma interrogante de quem busca ver seus fundamentos para fazê-lo dizer mais.

Como com a lógica matemática, aqui há uma petição de princípio: parte-se de uma premissa básica, de certa convicção consensual; tal petição precisa supor algum sentido na prática literária; e, por sequência, na tarefa do crítico; e precisa buscar uma definição, mesmo que apenas operatória, do que seja o literário; não se está indiferentemente num departamento de letras, filosofia ou de hidráulica; há que crer e investir numa especificidade do imaginário literário; em que a criação, a surpresa, o imprevisto se dão no caráter modal, num certo emprego da linguagem. Jacques Rancière percebe a dificuldade mas, não a evita; vê em *literatura* um desses nomes flutuantes que tem a propriedade de desmanchar as relações estáveis entre nomes, ideias, coisas². O texto literário – esse grafo complexo – nem sempre é fácil de definir, como da vida dizem os biólogos. Aqui a dificuldade não nos dispensa do esforço. A sugestão é antiga, vem de Valéry: urge fazer uma assepsia de termos e definições; mesmo que sem pretender exatidão, mas buscando a eficácia de certo rigor operatório; alguma coisa para além do impressionismo desenfreado, que beirava o delírio interpretativo; ou da complacência, que Machado, já em 1865 dizia abominar, em crítica literária; ou o anarquismo (em sua acepção negativa, mal-entendida) – e a pretensão tola de poder emular o discurso científico tardio (ou ao menos anterior ao impacto recente, quando ao discurso da ciência não interessa evitar o caos, as indeterminações advindas das probabilidades quânticas). A complexidade do real cultural pede uma maior plasticidade conceitual. A qual realidade alude o texto? No encontro emblemático entre Einstein e Bergson, a que alude Merleau-Ponty³ sobre a

²Cf. **Políticas da escrita**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

³Cf. **Sinais**. Lisboa: Minotauro, 1962.

possibilidade de outras dimensões da realidade, aquele pontifica; no entanto, a dúvida de Bergson foi mais fecunda e chegou até com certo frescor de interrogação – e ajuda a melhor entender o universo de Cortázar.

A melhor forma de negar a complexidade de uma questão é apelar ou apontar para um dos extremos: a análise estruturalista ou o subjetivismo desenfreado. Eleito um ou outro enfoque, o mais, variações desses extremos. Isso dá azo às exclusões e aos insultos acadêmicos mais comuns nos corredores: alguém é um *estruturalista* ainda; outro é *formalista*; pior: alguém é *impressionista*. O estudante recém-chegado a essa arena vê voarem os tijolos de sua suposta formação. As escolas críticas – possibilidades de enriquecer a leitura por diferentes ângulos de visão – viram viseira... As variadas vias de acesso ao texto – o ângulo pretendido por tal escola, tal visada crítica – poderiam acrescentar, fazer somar. Mas pecam por exclusivismo, por exclusão. Raros os trabalhos de moderação inteligente, de marcada lucidez e independência, como desde cedo fez Fausto Cunha⁴. E as teorias tomam, oportunamente, (ou pior: por oportunismo) o ar dos tempos; e, claro, uma escola crítica tem maior possibilidade de propagação se lida desde uma grande universidade; de preferência, com alguém de influência nos centros de fomento, como o CNPQ. À gangorra teórica que resultou do desfile de escolas críticas, os mais novos reagem com certo enfado; de antemão eles esperam alguma chatice dos discursos teóricos. Os comentários críticos são vistos, seja como idiossincrasia de iluminados, seja como imposição de pernósticos. A multiplicação das escolas revela sua impotência. Um grande crítico não cabe numa escola: Antonio Candido ou Ernst Robert Curtius ultrapassam as escolas. Porque creem na continuidade da transmissão crítica de saberes que instituíram o modo como somos. Sem abdicar da análise dos textos têm um olhar alargado sobre a comunidade de valores que os constitui. Não foi em detrimento do texto, mas a partir dele que fizeram indagações consideráveis, pertinentes, no terreno da história, da sociologia, da política.

A crítica, que poderia ser um convite à abertura do texto, (como é com um Jean Starobinski, como exemplo) vem a ser uma exibição narcísica que se crê e se quer inquestionável; e sacrifica o jogo da inteligência, e de qualquer moderação, numa defesa que permite o insulto, as invectivas, a paixão miúda. Os sistemas críticos se impõem mais como arsenal de defesa das próprias premissas que de serviço ao alargamento de percepções de leitura. Arame farpado demarca o território de nossas *humanidades*. Difícil dizer o que é pior: se a atitude anterior de defesa parcial e apaixonada de uma facção crítica, ou se a atitude atual que quase deságua em indiferença. Em tal contexto, a crítica literária, pode-se pensar, é como o mundo: se se acaba, é bem feito: fez bem por onde.

Tanto as teorias atraem os acadêmicos como deixam prudentemente distantes os escritores. Entre nós elas já chegam tarde; e quando se difundem tomam a forma de vaga vulgata. Servem bem

⁴Cf. **A luta literária**. Rio de Janeiro: Lidador, 1964.

a nossa preguiça mental – que, sob pretexto de tecnicismo e sistematização teórica, mascara mal a inaptidão de ousar pensar. E seus escritores e os críticos-escritores resistem é porque criam enquanto escrevem; a conformação a uma teoria os teria tolhido. Qual teoria norteia Milton Hatoum ou Antônio Carlos Secchin? Qual condicionaria o pensamento de Leyla Perrone-Moisés ou Paulo Franchetti? Uma sensibilidade inteligente os deixa atentos a tudo o que pode ser, mais que o meramente *novidade*, a possibilidade do *novo*.

Permanece a necessidade da crítica em tempos de diluição aparente de sua importância. Com a aceleração do ritmo das crises atuais, com as transformações recentes e rápidas, tornou-se mais premente a necessidade de, uma vez mais, se voltar a ver a função da literatura no novo quadro social. Oportunidade de uma salutar redefinição e de busca de adequação às respostas que o presente pede. Necessidade de atualizar a tradição crítica não enquanto simbolização da ordem, mas de utilizá-la como incremento à criação, em meio às vicissitudes e turbulências do momento.

A necessidade da crítica permanece quase como uma *invariável*, na cultura; desde que haja um texto, sobretudo, volto a lembrar, desde a tradição helênica e judaica, a ele apõe-se um comentário – os primórdios da crítica já podem ser entrevistados aqui. Na tradição afro, tão importante por ser matricial de nosso imaginário, a memória dos/nos comentários se segue; um repentista nordestino rediz Virgílio: *virum volitare per ora*⁵. Se aqui a concepção de crítica beira flagrante anacronismo, quase anárquica pelo excesso de largueza vocabular de sua concepção, é que já desponta uma atividade formal que estabelece linhas do que se propõe resguardar; já institui vertentes de fecundidade discursiva – a criação pode estar no que persegue, no mexer das águas da memória em movimento, no intuito analítico de acordar sentidos possíveis que dormitam sob a estrutura do texto. Esse processo pode ser visto pelo avesso: até Champollion, as águas do Nilo seguramente circularam mais que os comentários sobre os textos egípcios. A tradição helênica e judaica é de outra política, com os textos: deixá-los circular. Mesmo com o risco de apropriações e escleroses quanto ao sentido consensual e circunstancial. Os textos são trazidos à arena – tanto pior se para arenga de críticos à cata de demarcação de poder; operação que parece escapar a esse monopólio de autoridade quando os textos são dispersos pela internet num movimento de uma inquieta inteligência em vias de coletivização.

O processo de criação, para um autor novo, tampouco dispensa o cuidado crítico – criar é fazer uma síntese do disperso e fazer compor com o possível; mas, desde já, é sobremaneira um ato de escolha. Por isso a crítica pode ser um processo fundante; entre o peso da memória e a amnésia salutar. Talvez com esse cuidado já Hannah Arendt enfatizava, no discurso sobre Lessing, em 1959, como era vital trazer sempre esses textos à memória, fazê-los circular – como uma defesa contra a

⁵Tradução da tradição poética popular: o que voa de boca em boca. *Geórgicas*. III, 8ª estrofe.

barbárie. E a barbárie hoje nem vem de um ódio dirigido a essa ou àquela escola: a barbárie pode tomar a configuração da total indiferença à valoração crítica; basta ver seu lugar no mercado, a quem ela mais incomoda do que serve; e nos corredores das escolas, onde a ignorância não custa em se aliar à indiferença, resultando na morte real: a da insignificância.

O estatuto da crítica vai mudando consideravelmente a partir dos anos 80; o crítico, antes encerrado na academia, vai colhendo, mais na tela que na rua, a produção literária mais imediata. E essa produção já foge às etiquetas críticas convencionais. Os Físicos se colocaram em dúvida desde cedo; quando os críticos buscavam ansiosamente certezas; havia uma mal disfarçada petição de poder, de espaço acadêmico. Os métodos eram impostos como doutrinas; batalhas surdas, criando, não pontes de acesso ao texto, mas muros; como se a inteligibilidade analítica fina, leve, pudesse se fundir ao peso do poder.

Agora, mesmo com o risco do que Henri Meschonnic vai chamar de *crítica generalizada*, é possível à crítica se repropor e se recompor, seguindo a mudança do tempo, com a do tom. Isso deixa reticentes alguns; a outros deixa o sentimento de liberdade. Nem tanto o discurso crítico descritivo, nem o normativo, autoritário – que quase sempre findam em exclusão; no que teóricos repetem teólogos. Cada um investe e investiga pelo viés de sua formação; com o risco de resultar mais em confirmação/conformação que em descoberta real. A crítica sem invenção copia e repete. O crítico-escritor aceita, sem escamotear, a aposta na linguagem. Não se defende aqui que Alfonso Reyes ou Antonio Candido tenham sempre razão; mas *El deslinde* ou *A Educação pela Noite e Outros Ensaio*s continuam a ser textos que ainda nutrem um aficionado de literatura. A crítica de Antonio Carlos Secchin ou a de Octavio Paz respondem ao apelo de Novalis: pois que de poesia só se fale poeticamente. Seria má fé pensar que a fala poética apenas desposasse o delírio; que o prazer não pudesse fazer eco à gravidade da análise. Mais fácil ver a crítica que, ao repetir um método, cria a medida do leito de Procusto: não leva longe; pode haver pensamento na segurança de quem aplica um método? Pensamento crítico sem esse risco? Os riscos e derrapagens críticas acompanham a aventura do empreendimento. A segurança intelectual é uma reivindicação de neurótico; a crítica que mais cria, mais se aventura.

Algumas vezes o crítico recua ante o risco da tarefa e se resolve pela deserção da função. Como o juiz de futebol, o risco não invalida a tarefa. A crítica literária é também um jogo social. Se não, não haveria sequer como ler sem eleger, em sala de aula. A coragem do arbítrio é parte do jogo. Ainda que *também*, mas não *sobretudo*: basta lembrar Proust lendo alguns críticos de seu tempo, percebendo a pretensão judicativa imperiosa em todo crítico; ou entre nós, Otto Maria Carpeaux vendo o lado *tribuno*, em Álvaro Lins. A crítica enquanto sistema é vulnerável porquanto paga um dízimo à circunstância, a sua historicidade. As fraquezas de seu funcionamento não a

definem; como tão pouco os ensaios e erros diminuem a ciência. O tom circunstancial de *tribuno* não nega a sensibilidade literária e intuição de Álvaro Lins pioneiro na leitura de Clarice Lispector; a recusa dos manuscritos de Marcel Proust por André Gide diz da convenção se vendo violentada pela estrutural frasal daquele; a reserva de Graciliano Ramos aos primeiros textos de Guimarães Rosa melhor situa o impacto das veredas roseanas e evidencia seu faro em presentir no outro uma reserva de criatividade vindoura. Incertezas e perplexidades da crítica atual são as de um turista inaugurando a Austrália: avançando por sobre um mundo a descobrir. Mas, é preciso um primeiro gesto de acolhida – que, como nas relações humanas, deve preceder a compreensão. Embora acolher sem esboçar análise seja uma forma de demissão, descartar as novas experimentações sem acolhê-las é, seguramente, uma violência.

No Brasil a crítica começa com um ranço marcadamente positivista: vinha da busca de um sistema, de uma chave científica que acolhesse pacificamente mesmo nossas contradições culturais de mestiços mentais. Mas, não haveria como: só uma razão mestiça daria conta da profusão de que somos feitos. Em vão invocamos Taine ou Brunetière: subor(din)ar a razão literária a leis e regras. Isso vai – quase – até Afrânio Coutinho: a crítica se pretendia um *analogon* da ciência. Foi o anelo e a ilusão de nossos intelectuais, ontem; e segue sendo, ainda: queremos que Bakhtin ou Derrida deem conta das análises de todos os textos, numa chave-geral. Os sistemas teóricos teimam em buscar segurança. Porque o conceito conforma, conforta. Mas, como contraponto, o dogma adormece o pensar. *Pontificar* em crítica é ignorar seu étimo: suprir a *ponte* pela parede; nem sempre foi um espetáculo raro, menos ainda encorajador, ver a escola crítica comutada em realidade interpretativa triunfante. Aliás, isso já é perceptível no primeiro Roberto Schwarz quando comentando os achados críticos de Augusto Meyer ele reconhece “(...) a independência relativa entre conceituações adotadas, e outro lado, a percepção literária e a capacidade de expressá-la”. (SCHWARZ, 1998, p. 31).

Notável a percepção de Schwarz porque aponta para duas coisas que interessam sobretudo hoje: a independência da inteligência crítica e, não menos, a habilidade em formular um discurso crítico à altura de seu objeto. O especialista goza de fama suspeita, fazendo às vezes o respeito advir de sua inacessibilidade. Nos corredores, melhor evitar um especialista: um chato, por ser monotemático. No fundo o que se cobra é a cortesia da clareza; em nada incompatível com o rigor analítico; em matemática chama-se solução elegante a mais breve. A crítica literária pode oferecer um espaço paralelo ao da criação – um exercício de liberdade. Ela é reassociação imaginante dos recursos de linguagem; de e sobre um dado autor. Desde que aberta, dialética, criativa e inquiridora; nunca autocomplacente. E desde que tão pouco se converta em credo. Desde que não se estenda em

disciplina intelectualista, artificial e exterior à sabedoria sem pretensão do literário. Adorno advertia já da lógica da arte: sem conceito nem juiz.

A aplicação mecânica de modelos classificatórios (positivistas ou estruturalistas) das escolas não fez muito pela divulgação da crítica literária; antes, a reduziu a gueto; e como todo isolacionismo é paranoico, esse o foi, sobretudo, porque não criativo, mas repetitivo. Só agora a crítica percebe a armadilha letal da transposição de modelos e fórmulas para tentar, inutilmente, captar a complexidade do real literário. Porque a crítica é uma forma singular de conhecimento, como lembrava Benedito Nunes, que pretende o conhecimento do singular. O rigor em crítica literária é como o que reconhecemos na leitura duma partitura: ao intérprete se pede dupla fidelidade, ao texto e a si mesmo, pelo que de pessoal ele acrescenta à leitura.

A crítica permanece um instrumento de análise – entre conhecimento e arte. Passado o tempo da ilusão da exatidão – a que sequer a astrofísica reivindica – a crítica reconhece não poder fazer uma lipoaspiração de toda marca do sujeito. E a intuição volta como uma forma de escuta atenta; depois, vem o método. Somente o conhecimento técnico seria como o peso do telescópio esmagando o inseto: visão que atordoa mais que instrui. Nietzsche reconhecia: pode-se ser erudito, e sem espírito. Burro supõe ainda transportar uma carga, que se supõe preciosa; pior, o crítico arrimado a um método: papagaio repete, pontifica – e tudo o que nos poupa a dúvida nos envenena. Só a insegurança faz pensar. Segurança suposta cedo degenera em dogma. A lei literária é o imprevisto; a atitude inteligente: a dúvida – que leva à análise. (Em que dista a 1ª leitura da 2ª). A impressão é ponto de partida; a assunção de um juízo, de chegada. Só impressão, e a empreitada deixaria de ser crítica; só análise, deixaria de ser (sobre) literatura. Há a necessidade de estabelecer critérios; inclusive para alargá-los, quando a necessidade assim o exigir. O risco: a passagem da exigência à intransigência. O crítico é *juiz...* enquanto *intérprete*. Como o árbitro no futebol; como o intérprete musical.

A malograda empresa de uma cientificidade ciclópica, a querer enquadrar o fato literário só sob esse ou aquele prisma, uma dada escola crítica, soçobra em tantas tentativas de totalizações efêmeras. As teorias se depauperam porque fechadas. Daí o regime entrópico em que desaguou a crítica recentemente. Nenhuma, felizmente, esgota o real da crítica. Ela toma outras formas, flui, se refaz; é por ser frágil que ela permanece; os credos caducam cedo. No entanto, e a despeito do cansaço corrente, alguns textos vão na contramão do desencantamento: a aula inaugural de Antoine Compagnon, no Collège de France⁶; a reavaliação da crítica, de João Cezar de Castro Rocha⁷; o

⁶Cf. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

⁷Cf. **Crítica literária – em busca do tempo perdido?** Chapecó: Argos, 2011.

texto recente de Starobinski⁸; o artigo *Literatura para todos*, de Leyla Perrone-Moisés em jornal de grande circulação, em São Paulo. Nenhum milita por uma escola, mas, todos, estão deslocando os clichês, mexendo com as certezas supostas, desentocando as arrogâncias – e acreditando ainda e sempre na necessidade da instância crítica. As escolas mais fecundas são as que ficam abertas, são as que correm mais riscos ao absorver os antagonismos internos. Na crítica literária, como na física, os sistemas uniformes são sem energia.

O registro da crítica literária é um amálgama de saberes – sem, no entanto, qualquer pretensão de poder. É um pensar metafórico, que se constrói entrecruzando e adensando imagens, buscando fazer, repensar o que é dado por evidente. Como uma *solução* – na acepção química: algo que fervilha, palpita e, enquanto fruto de escolhas, vê desaparecer alguns componentes e assiste o precipitar de outros elementos. Sobra ainda, e sempre, o fato literário como desafio às visadas teóricas. Um vasto conhecimento teórico não faz necessariamente um bom crítico. Se a literatura alargou-se além dos limites de um papel ritualístico historicamente determinado; se hoje ela profana (e aprofunda) esse papel, como Orfeu que salva o que ama perdendo-o em parte, vale ver aquilo que de fato fica e que a constitui. A crítica: uma versão condensada do antigo comentário; da frequência dos textos. Em maior ou menor grau a crítica é uma resposta indagativa à leitura do texto.

Nos últimos tempos tem sido posição delicada, muitas vezes evitada, a de colocar a questão ética associada à literatura. Isto porque a real questão da ética confina com os limites da linguagem. No entanto, feita a prudente ressalva moderna de não confundir indiscriminadamente *ética* e *moral*, podemos ver o projeto do crítico literário moderno como uma exigência de, através do texto, repensar a vida, de evitar que ela ceda à esclerose dos discursos, das repetições redibitórias da *ordem* que o poder de plantão instaura. A função da crítica, sob esse ângulo, é a de evitar que nos alojemos em sentidos mortos, sentidos que perderam sua significação inicial e cujo real é feito pelo andamento cego do rotineiro – como quando um trem sai dos trilhos: pelo peso da inércia, segue em frente. Já não é sua *destinação*, no entanto.

A crítica literária vem na contramão desse discurso aglutinador de valores e certezas – e aqui já toma a configuração de função crítica tal como a concebe a modernidade: seu objeto central é, através da perscrutação da linguagem, do jogo do imaginário, do alargamento das possibilidades do real, buscar uma outra inteligência do fenômeno literário. Remunerar o sentido que subjaz às palavras é carregá-las de uma possibilidade de liberdade – tarefa do crítico.

⁸Cf. *Le poème d'invitation*. Genebra: La Dogana, 2001.

E a crítica literária, quero crer, é portanto fundamental ao texto literário enquanto a literatura for importante como transfiguração das experiências, reais ou sonhadas, da vida. Sua função guarda a esperança de poder retificar, alargar a leitura. Talvez já sem a pretensão, inda que bem-intencionada de Sainte-Beuve: o crítico enquanto alguém que supõe saber e daí ensinar a ler. A crítica contemporânea compõe com certa humildade, como a dos homens de ciência nesse momento que se definem pela firmeza da busca; ou, para dizer com Ilya Prigogine, a ciência hoje é a escuta poética da realidade; longe, portanto, de pretender a segurança de sua descrição. Há algum tempo já Stanley Hyman reafirmava essa ideia do crítico como um profissional amador da leitura, e já armado com um instrumental vindo da experiência e de certa conceituação técnica adquirida: *the armed vision*. E que pode assim estabelecer uma crítica fecunda: que discute, reflete. Pondo cabresto nos laços de camaradagem, de antipatia. A crítica caberia mal nos meios midiáticos? Ou ela é tanto mais necessária ali, justamente: como o sal, questão de medida. Grave seria essa forma demasiado inferior de renúncia, a omissão; deixando à mídia o corte das cartas – onde tudo se embaralha e tende a se tornar apenas mercadoria; o valor já estaria na mesma circulação; um texto que corre na net corre o risco dessa sagração fácil – e circunstancial. As escolas críticas mais consensuais resistem mal às provas impostas pelos meios digitais. Aqui há a prevalência do movimento, da recuperação de certa oralidade – mesmo se nem sempre isso seja sinônimo de criação.

A linguagem crítica pode desposar o ritmo de seu objeto de análise. Novalis pedia isso, quanto à poesia. A crítica literária feliz ousa juntar uma linguagem não refratária ao poético, e um cuidado analítico. Jean-Michel Maulpoix sonha uma crítica literária que seja ponto de interrogação e de participação. Um crítico como Miguel Sanches Neto não está distante disso: uma aposta na linguagem que se ponha em ponte e permita maior acesso do leitor à inteligência do texto. Ontem, era a tônica dos textos críticos de um Casais Monteiro. A ciência, na concepção mais remota, resultava em conceito; literatura permanece a busca de percepções e um modo específico de dizer. *Esprit de géométrie* do analista que concorre para o *esprit de finesse* do leitor atento, numa complementação homológica.

Há como crer que a crítica ainda seja o gesto de dividir e partilhar um texto, tentando levar alguma luz; prestando serviço à literatura. Em poucas palavras Jean Starobinski resume: tentar compreender e ajudar a compreender. “Creio que a qualidade poética não é incompatível com a reflexão crítica; nem mesmo com a erudição”. (STAROBINSKI, 2001). Pode haver sempre a permanência de certo mistério nesse grafo complexo que é o texto literário; sem deserção do empreendimento analítico – apenas deixando espaço a seus limites. Daí a crítica: umas dentre as tantas tentativas de apreendê-lo; inda que apenas em parte. A virada crítica parece aspirar outra

visão das coisas literárias; sem rejeição radical da tradição e sem tão pouco reduzi-la a tradição repetitiva, sem acréscimo. Os novos críticos – e os que se renovam – reivindicam o movimento, a intensidade; a voz própria; de quem vem ouvir, mas já alforriado da ventriloquia intelectual de redizer os ídolos. Certo, há risco no que fica extremamente sensível à opinião, para defender-se do discurso radical normativo; no entanto, é preciso o risco para responder as solicitações de um mundo em movimento; e resguardar o que é teimosamente irreduzível nos saberes locais. Com as Luzes veio também a ilusão de que a função do crítico seria aclarar tudo, no texto. Mas a crítica convive com a complexidade, com a indeterminação. *Fascinação* traz uma letra adocicada na versão brasileira; na italiana: *ho bisogno sempre di questo misterio*. Talvez porque a posse, mesmo que de um sentido, nos pesa; o avançar no mistério nos suspende; dá certa leveza. Talvez finde sendo, essa, outra forma de a crítica literária emular o científico – mas agora já em sua concepção contemporânea; e, à segurança, preferir a liberdade; novo emblema da crítica literária?

Referências bibliográficas

ESTEBAN, Claude. **Crítica da razão poética**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HOLANDA, Lourival; FRANÇA, Humberto. **Álvaro Lins: crítico literário e cultural**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.

MOTTA, Leda Tenório da. **Sobre a crítica literária brasileira no último meio século**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

NINA, Claudia. **Literatura nos jornais: a crítica literária dos rodapés às resenhas**. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

PAULHAN, Jean. **Petite préface à toute critique**. Paris: Editions de Minuit, 1951.

REYES, Alfonso. **El deslinde/Apuntes para la teoría literária**. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1963.

ROCHA, João César de Castro. **Exercícios críticos: leituras do contemporâneo**. Chapecó: Argos, 2008.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

STAROBINSKI, Jean. **Le poème d'invitation**. Genebra: La Dogana, 2001.

TODOROV, Tzvetan. **Critique de la critique. Un roman d'apprentissage**. Paris: Seuil, 1984.